

I CONGRESSO DO BOMBO

28 e 29 Novembro 2015 – Aula Magna, Lisboa

Painel1-Parte2- Brites Marques

Eu, há pouco, limitei-me a apresentar e a apresentar o grupo com o qual tenho vindo a desenvolver algumas experiências há cerca de 10 anos, e achei oportuno ouvirmos todos os elementos que estão a participar nesta mesa de diálogo para realçar o seguinte: a música é tão importante e tem uma abrangência tão grande – eu, que sou da área da educação, comecei como professora do 1º ciclo, com o objectivo pedagógico de ler, ensinar e escrever. Fui desenvolvendo os meus estudos na área da música e sou um bocadinho arrojada em projectos e gosto de pegar na massa humana que tenho à minha frente e fazê-los gostar da escola. Há pouco, propositadamente, limitei-me a referir os alunos que não gostavam da escola, mal comportados, maus alunos... e a música tem-me dado a experiência de que com ela própria se consegue cativar os alunos e trazê-los para a vivência da escola mais saudável e congratulo-me imenso quando vejo 50, 60, 70, 80 alunos a sair dois ou três que seguem música. Eu tenho aqui um aluno que já me acompanha desde a 4ª classe, a chamada 4ª classe, quarto ano de escolaridade. Hoje é músico, é o que ele faz, é um deles. Entristece-me bastante, e é pena que não esteja aqui ninguém ou alguém do Ministério da Educação, mas estão algumas entidades camarárias que é importante que levem esta mensagem: a música não pode ser, de maneira nenhuma, o parente pobre da educação. A música, conforme eu comecei a dizer, é tão abrangente que nos pode auxiliar bastante na matemática, na física, na própria história, porque ela tem um desenvolvimento cronológico e acompanha todo o friso cronológico e histórico, é importante para a linguagem - e quando eu digo que ajuda a melhorar os conhecimentos dos alunos, é porque também melhora o conhecimento – da área cognitiva – o conhecimento lógico e abstracto muito utilizado na matemática e melhora regras e comportamento - porque cada vez, mesmo que eles não saibam nada de música, estejam atentos às linguagens. Vocês vêem ali os maestros a dirigir e todos eles, se olharmos para eles, tem uma forma de emitir uma linguagem gestual e isso obriga a que os alunos, os que estão a executar, estejam atentos e a desenvolver a memorização, a concentração e, portanto, a capacidade de cumprir regras que é o saber estar muitas vezes, até fazendo os momentos de silêncio, que é preciso para ouvir as mensagens, e que o silêncio é tão importante como um som na linguagem musical. Os nossos alunos, conforme eu disse, tivemos tantos alunos, mesmo com latas e bidons fizemos música. O Rui Júnior conhece o projecto quase desde o início e

fazemos a mesma coisa como tendo bombos; é preciso é criar-lhes apetência e o gosto por aquilo que fazem e ao gostarem de algo que os leve e que os faça ir à escola, estamos a desenvolver as outras capacidades, porque o que me mostrou de exemplo nestes 10 anos foi que os maus alunos começaram a ser melhores alunos, a ter melhor notas e melhores comportamentos, que os leva a ter essa melhoria na área cognitiva. Portanto, apelava e deixava aqui outra vez esse beliscão, que a música não pode ser o parente pobre, não pode estar sujeita à pena de morte, a que nós temos assistido estes últimos anos, com cortes da área musical, a educação musical e a música que se fazia nas escolas, no 3º ciclo e no ensino secundário; porque os conservatórios e as academias também sobrevivem à custa desses apoios, e a escola do ensino regular é o que lhes cria o desenvolvimento e o gosto pela música. Há aqueles que já nascem com ela, já lá está, mas outros é preciso desenvolver o ouvido e o gosto pela música, e os conservatórios sobrevivem com esses alunos. Portanto, eu achava que o parente pobre da música não pode morrer, não podemos deixar morrer, mas também não pode viver só de carolice das pessoas; eu faço muita coisa com alguns colegas por carolice na escola, porque se não a música já tinha morrido, 90 minutos por semana não dá para se ensinar seja o que for, não dá sequer para tirar os instrumentos dentro dos armários. Temos que repensar esta estrutura curricular que temos actualmente no nosso país.